

EXPLORANDO A SUBJETIVIDADE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA E SUAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

EXPLORING SUBJECTIVITY IN SPECIAL EDUCATION: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE LITERATURE AND ITS PEDAGOGICAL IMPLICATIONS

Vanessa Santos Almeida¹

Universidade Cidade de São Paulo – UNICID

Ida Carneiro Martins²

Universidade Cidade de São Paulo – UNICID

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar a subjetividade na educação especial através de uma revisão sistemática da literatura, focando na perspectiva histórico-cultural entre 2019 e 2024. A análise inclui o resumo, palavras-chave, ano de publicação, foco do estudo, conceito de subjetividade, aspectos metodológicos e principais resultados. Foram selecionados artigos das bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Portal de Periódicos da Capes. Esses artigos, de diferentes autores brasileiros, exploram enfoques e conceitos variados sobre a subjetividade. Metodologicamente, a abordagem quantitativa prevalece, com os autores atuando como os principais participantes das pesquisas. Diversos instrumentos de coleta de dados foram utilizados, permitindo a triangulação de informações. As técnicas de análise aplicadas são dedutivas, partindo de conceitos gerais para específicos, e orientadas pelos resultados obtidos. De modo geral, esta revisão da literatura oferece uma visão abrangente de como a subjetividade na Educação Especial tem sido abordada e compreendida em pesquisas recentes, sob uma perspectiva histórico-cultural, constituindo uma valiosa referência para profissionais da área de educação especial e inclusão.

Palavras-chave: Educação Especial, Subjetividade, Inclusão Escolar, Perspectiva Histórico-Cultural.

¹ Discente em Mestrado Acadêmico em Educação pela UNICID. Licenciada em Pedagogia pela UFPI, especialista em Educação Especial (UVA). Endereço para correspondência: Rua Cesário Galero, nº 448/475, complemento 474, CEP 03071-000, bairro Tatuapé, município de São Paulo/SP, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-9134-9678>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1729803777232521>. E-mail: vanessa19almeida@hotmail.com.

² Doutora em Educação pela UNIMEP, Mestre em Educação Física pela UNICAMP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE e do Mestrado Profissional em Formação de Gestores Educacionais PPGE-GE da Universidade Cidade de São Paulo – UNICID. Endereço para correspondência: Universidade Cidade de São Paulo, Programa de Pós Graduação em Educação. Rua Cesário Galero, 448/475 Tatuapé CEP 03071000 - São Paulo, SP – Brasil. Telefone: (11) 33853015. . ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7140-1598>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1316783235568969>. E mail: tita.carneiromartins@gmail.com.

ABSTRACT

This article aims to investigate subjectivity in special education through a systematic literature review, focusing on the historical-cultural perspective between 2019 and 2024. The analysis includes the abstract, keywords, year of publication, focus of the study, concept of subjectivity, methodological aspects, and main results. Articles were selected from the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Capes Periodicals Portal databases. These articles, by different Brazilian authors, explore different approaches and concepts about subjectivity. Methodologically, the quantitative approach prevails, with the authors acting as the main participants in the research. Several data collection instruments were used, allowing the triangulation of information. The analysis techniques applied are deductive, starting from general to specific concepts, and guided by the results obtained. Overall, this literature review offers a comprehensive view of how subjectivity in Special Education has been approached and understood in recent research, from a historical-cultural perspective, constituting a valuable reference for professionals in the area of special education and inclusion.

Keywords: Special Education, Subjectivity, School Inclusion, Historical-Cultural Perspective.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar la subjetividad en la educación especial a través de una revisión sistemática de la literatura, centrándose en la perspectiva histórico-cultural entre 2019 y 2024. El análisis incluye el resumen, palabras clave, año de publicación, enfoque del estudio, concepto de subjetividad, aspectos metodológicos y principales resultados. Los artículos fueron seleccionados de las bases de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Capes Periodicals Portal. Estos artículos, de diferentes autores brasileños, exploran diferentes enfoques y conceptos sobre la subjetividad. Metodológicamente prevalece el enfoque cuantitativo, actuando los autores como principales participantes de la investigación. Se utilizaron varios instrumentos de recolección de datos, permitiendo la triangulación de la información. Las técnicas de análisis aplicadas son deductivas, partiendo de conceptos generales hasta conceptos específicos, y guiadas por los resultados obtenidos. En general, esta revisión de la literatura ofrece una visión integral de cómo la subjetividad en Educación Especial ha sido abordada y comprendida en las investigaciones recientes, desde una perspectiva histórico-cultural, constituyendo una valiosa referencia para los profesionales del área de la educación especial y la inclusión.

Palabras clave: Educación Especial, Subjetividad, Inclusión Escolar, Perspectiva Histórico-Cultural.

INTRODUÇÃO

*“E as coisas lindas são mais lindas
Quando você está
Onde você está
Porque você está as coisas são mais lindas
Porque você está
Onde você está
Hoje você está nas coisas tão mais lindas.”*

A música 'As Coisas Tão Mais Lindas', composta e interpretada pelo cantor brasileiro Nando Reis, é um poema à beleza que o amor acrescenta à vida e ao mundo ao nosso redor. A letra fala sobre como a presença de uma pessoa amada pode transformar a percepção das coisas, fazendo com que tudo se torne mais belo e colorido. Através de uma linguagem poética, Nando Reis expressa a ideia de que o amor tem o poder de revelar as cores

verdadeiras do mundo, cores essas que só foram reconhecidas pelo eu lírico após o encontro com a pessoa amada.

Platão, renomado filósofo grego, trouxe uma reflexão profunda sobre a beleza ao dizer: "A beleza está nos olhos de quem a vê". Essa afirmação, tão relevante em sua época, continua a ressoar nos dias de hoje. Em um mundo cada vez mais conectado e diverso, compreender a importância da perspectiva individual na apreciação da beleza é essencial.

A frase de Platão ressalta a subjetividade inerente à percepção da beleza. O cantor em destaque foi muito sabido ao falar da beleza em sua música, pois a beleza é um traço de subjetividade que todos os seres humanos trazem desde o seu nascer. Cada pessoa possui uma visão única sobre o que considera belo, baseada em sua bagagem cultural, experiências pessoais e valores individuais. O que pode ser considerado belo por uma pessoa pode não ser visto da mesma forma por outra. Essa diversidade de perspectivas enriquece a apreciação da beleza, tornando-a uma experiência pessoal e singular.

Colocando toda essa canção dentro da educação especial que mistura sentimento e emoção, tem-se a identificação de uma verdadeira subjetividade, a presença da pessoa com ou sem deficiência pode tornar tudo mais encantador quando existe o amor e beleza. 'As Coisas Tão Mais Lindas' é um exemplo onde a simplicidade da melodia se une à profundidade lírica para criar uma canção que celebra o amor e sua capacidade de embelezar a existência.

Nesse contexto é importante reconhecer que a beleza é subjetiva e que a mesma está ligada a educação especial para uma maior valorização da individualidade e o cultivo da autoconfiança. Falar sobre educação especial não é fácil, porém necessário devido a sua história marcada por várias lutas e conquistas, onde uma delas ganha destaque em virtude do intenso debate mundial sobre inclusão social, nos últimos anos, o sistema escolar do Brasil resolveu adotar um caráter mais inclusivo, tornando obrigatório que a escola regular acolha os alunos com deficiência. Essa mudança representou uma conquista significativa na luta contra a segregação, mas ao mesmo tempo impôs diversos desafios aos professores. Há uma constante reivindicação para que as diversidades sejam respeitadas e se construa uma sociedade mais justa onde as pessoas tenham os mesmos direitos, independente das diferenças socioeconômicas, de sexo, de religião, de etnia, bem como de características físicas e psicológicas distintas.

Conforme apontam os dados do Censo Escolar de 2015, realizado pelo Ministério da Educação, as matrículas de alunos com algum tipo deficiência nas escolas regulares têm

aumentado no Brasil. Por isso, falar de educação especial e educação inclusiva é de suma importância.

Diferente do que acontecia no passado, sabe-se hoje que as pessoas com algum tipo de deficiência possuem tanto potencial de realização quanto aquelas que não apresentam nenhum tipo de insuficiência física ou intelectual. São, apenas, pessoas com necessidades especiais. Por isso, como o próprio termo sugere, é importante viabilizar oportunidades de inserção e desenvolvimento dessas pessoas na sociedade.

A educação especial é uma área essencial para promover cada vez mais a conscientização de que não deve haver preconceito com essas pessoas e sim inclusão. É preciso valorizar a diversidade e aprender com o diferente. E a escola, por ser um ambiente onde os indivíduos são levados ainda quando crianças e lá passam grande parte do tempo de suas vidas, precisa estar preparada para acolher bem os alunos que possuem algum tipo de deficiência.

Nesse contexto, a subjetividade individual e social entram no âmago do processo de aprendizagem em múltiplas e variadas formas, com implicações significativas que se expressam na vida e no cotidiano dos aprendizes. O diálogo com a formação docente e os processos subjetivos são mecanismos que se somados , fortalecem possibilidades criativas na superação de obstáculos.

A subjetividade é um conceito fundamental na educação especial, influenciando como as práticas pedagógicas são desenvolvidas e aplicadas. André Luís de Souza Lima e Guilherme Mautone (2024) abordam a necessidade de questionar os fundamentos modernos da exclusão e a desconsideração de aspectos interseccionais na análise dos sujeitos público-alvo das políticas de inclusão escolar. A educação especial historicamente seguiu um modelo de segregação, onde as pessoas com deficiência eram vistas como "anormais" e, consequentemente, isoladas em instituições especiais. Esse modelo baseava-se na ideia de normalidade e na tentativa de "reabilitar" essas pessoas para um padrão considerado normal de desenvolvimento. Esse panorama resulta em exclusão social e perpetuação de discursos estigmatizantes, que muitas vezes negligenciam a intersecção de identidades como raça, gênero e classe social. O conceito de interseccionalidade é fundamental para entender as múltiplas formas de opressão que pessoas com deficiência podem enfrentar. A abordagem interseccional reconhece que a experiência de deficiência não é homogênea e pode ser agravada por outros fatores sociais, como raça e gênero.

A deficiência deve ser pensada em conjunto com outras identidades e experiências, um processo que chamam de *desmodernismo*, em oposição às concepções modernas e

iluministas de subjetividade. A crítica ao modernismo filosófico, especialmente no que tange à concepção de subjetividade, é central para repensar a educação especial. A visão moderna de subjetividade, influenciada por filósofos como Descartes e Locke, enfatiza a razão e a cognição como características definidoras do sujeito, desconsiderando a importância do corpo e da experiência contextual. Essa perspectiva limitante ignora a complexidade das experiências vividas pelas pessoas com deficiência, especialmente em contextos coloniais e pós-coloniais. Ao considerar uma abordagem interseccional, a educação especial pode evoluir para uma prática mais inclusiva e compreensiva. Isso implica reconhecer a importância da experiência vivida e do corpo na formação da subjetividade e na construção do conhecimento. Assim, o desafio para a educação especial contemporânea é integrar essas perspectivas, promovendo um ambiente educacional que valorize a diversidade e a individualidade de cada aluno, respeitando suas múltiplas identidades e experiências.

A educação especial, dita inclusiva, possui um foco diretamente voltado para a transformação das escolas em locais onde é possível atender aos alunos que apresentam condições de vida diferentes, bem como necessidades educacionais bastante diversas. Além disso, neste espaço, é lembrado o compromisso da Administração Pública em colocar esse papel em execução, buscando uma formulação de políticas mais justas e igualitárias com a capacidade de reduzir, ou excluir de maneira definitiva, a estrutura excludente que comumente é presenciada em ambientes escolares.

A partir do contexto anteriormente mencionado, os alunos que apresentam um desenvolvimento atípico têm suas matrículas efetivadas, garantindo a eles o direito à educação dentro da realidade brasileira a partir da inclusão no ensino regular e do atendimento educacional especializado para atender às suas necessidades individuais. O direito é diretamente assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9394/96. Esse atendimento especializado deve ser realizado em locais adequados, como salas de recursos multifuncionais, reforçando o principal formato de educação especial presente nas políticas inclusivas dentro das escolas públicas brasileiras.

O objetivo da presente revisão da literatura é analisar como o conceito de subjetividade é compreendido e abordado na educação especial, sob a perspectiva histórico-cultural, e explorar suas implicações pedagógicas para a prática inclusiva nas escolas.

MÉTODO

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre a subjetividade na educação especial, com foco na perspectiva histórico-cultural. A escolha por este método se deu pela necessidade de mapear e analisar o estado da arte sobre o tema, compreendendo como a subjetividade é abordada em diferentes contextos educacionais. As bases de dados selecionadas para a pesquisa foram a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Portal de Periódicos da Capes. A seleção dessas bases foi feita devido à sua abrangência e confiabilidade, além de serem reconhecidas pela indexação de estudos relevantes nas áreas de educação e ciências sociais. A busca nas bases foi realizada diretamente em seus respectivos sítios eletrônicos, utilizando os seguintes descritores e operadores booleanos: "educação especial", "subjetividade", "perspectiva histórico-cultural".

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: estudos empíricos publicados entre janeiro de 2019 e dezembro de 2024, que abordassem diretamente a subjetividade no contexto da educação especial e que estivessem disponíveis em português. Foram excluídos da análise livros, teses, dissertações e outras publicações que não estivessem disponíveis online de forma gratuita, bem como artigos que não apresentassem uma abordagem empírica ou que não se alinhassem com a perspectiva histórico-cultural.

A exclusão de artigos que não abordavam diretamente a subjetividade ou que não estavam alinhados à perspectiva histórico-cultural foi criteriosa, garantindo que a revisão se concentrasse apenas nos estudos mais relevantes e pertinentes ao tema. Os artigos selecionados foram analisados com base em diversos aspectos, como resumo, palavras-chave, ano de publicação, foco do estudo, conceito de subjetividade adotado, aspectos metodológicos e principais resultados. Essa revisão sistemática proporciona uma visão abrangente e detalhada de como a subjetividade na educação especial é tratada na literatura recente, oferecendo subsídios importantes para a construção de práticas pedagógicas inclusivas e baseadas em uma compreensão aprofundada das experiências subjetivas dos alunos.

RESULTADOS

A educação especial apresenta um amplo campo destinado a atender às necessidades específicas dos indivíduos que apresentam alguma deficiência ou transtorno, oferecendo a eles o direito à educação e, por consequência, promovendo a sua inclusão na sociedade. Em um contexto histórico, a abordagem voltada para a educação especial apresenta oscilações no âmbito dos modelos médicos e sociais, com uma tendência que cresce na direção do

reconhecimento da complexidade de experiências subjetivas dos discentes. De uma forma individual, a subjetividade é entendida como única para cada pessoa em suas capacidades de interagir e perceber o mundo como ele é. Seu papel é fundamental para que os estudantes com necessidades especiais possam experienciar um ambiente educacional mais leve e fácil de compreender.

A partir de uma cuidadosa investigação da inclusão escolar de um aluno que possui deficiência, é necessário compreender a definição conceitual que será atribuída à necessidade especial. No entanto, não é interessante que a deficiência defina o aluno como um todo, tirando a sua personalidade, focando somente em suas características mentais, físicas ou cognitivas. Nenhum modelo educativo deve ser responsável por ignorar as características funcionais de pessoas com limitações físicas ou intelectuais, deixando de avaliar a interação dessas mesmas características com o meio onde convivem.

De acordo Bonfim e Rossato (2019), a subjetividade traz à tona a maneira pela qual a capacidade humana transforma as emoções em um objeto de sentido simbólico, permitindo que novas unidades qualitativas sejam formadas com o passar do tempo. A partir dessa compreensão, é possível dizer que a subjetividade nada mais é do que a expressão, de um modo complexo e singular, de como cada indivíduo interpreta e reage às experiências vividas. Segundo o autor, essa interpretação é moldada não apenas pelas emoções e sensações internas, mas também pelo contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido. Isso significa que a subjetividade é influenciada por fatores externos, como valores culturais, normas sociais e interações interpessoais, que ajudam a formar a identidade e o entendimento de si mesmo e do mundo ao redor.

O atendimento especializado não deve estar somente entrelaçado à instrumentalização ou à adaptação do material pedagógico, mas precisa trazer consigo o planejamento, a elaboração de novas estratégias pedagógicas funcionais e o compartilhamento de conhecimentos e experiências para que a educação seja, de fato, inclusiva e traga bons frutos com o decorrer de sua aplicação junto aos alunos.

Identificar a subjetividade dos estudantes é indispensável para que as práticas pedagógicas possam ser desenvolvidas de uma forma eficaz e inclusiva. Com a personalização do ensino, tomando como base as reais necessidades dos alunos e levando em consideração suas experiências e particularidades, haverá a promoção de um ambiente de aprendizagem com maiores chances de engajamento e significação (Brandão; Gonçalves, 2021).

Assim, a subjetividade também se pauta no fato de que o desenvolvimento humano é

um processo indispensável, e que sofre fortes influências relacionadas às interações sociais e culturais, implicando na necessidade de compreender as particularidades de cada um dos alunos presentes em sala de aula.

Há um papel de grande relevância para o professor dentro da sala de aula. Ele é o responsável por lidar diretamente com a diversidade subjetiva, assim como ressalta (Lima; Mautone, 2024). A educação, como um todo, deve ser encarada enquanto processo dialógico, capaz de reconhecer a individualidade de cada discente, valorizando o processo de interação social e cultural para um bom desenvolvimento humano, onde o docente assume a posição de mediador nessas interações.

Os professores que possuem um bom preparado, que são capazes de adotar práticas pedagógicas realmente inclusivas e que, de certa forma, contribuem para o desenvolvimento positivo da autoestima e identidade de seus alunos conseguem, de fato, empregar o conceito de subjetividade dentro das necessidades da educação especial. Como dito anteriormente, a personalização do ensino pode ser vista como uma estratégia fundamental para garantir o pleno desenvolvimento dos alunos.

Para tanto, é preciso uma formação contínua de professores, focando na inclusão e na subjetividade. A presença em programas de capacitação que são capazes de enfatizar o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a compreensão de experiências individuais vêm apresentando melhores resultados nas adaptações dos alunos.

Nesse contexto, o papel do professor na formação e na subjetividade da educação especial é insubstituível, pois visa o desenvolvimento de práticas educativas mais eficazes e inclusivas. Ao reconhecer e valorizar as experiências particulares apresentadas pelos alunos, independentemente de sua faixa etária, os ambientes de aprendizagem se tornam, por consequência, mais justos e adaptados às necessidades. Por isso, a formação docente deve focar na integração de aspectos relacionados à inclusão, promovendo uma educação capaz de respeitar e disseminar a diversidade social.

Além disso, a participação da família para um ambiente de aprendizado mais inclusivo é indispensável, afinal, a educação especial abrange uma série de estratégias e práticas pedagógicas que estão destinadas ao atendimento de necessidades específicas que as famílias conhecem e convivem em suas casas, podendo auxiliar no processo de compreensão e desenvolvimento.

De acordo com Bonfim e Rossato (2023), o desenvolvimento humano é feito de forma interna em um sistema, tendo a família como um dos contextos de maior influência. Com uma participação ativa dos pais, bem como dos cuidadores de uma forma geral, na vida

escolar dos discentes com necessidades especiais, é possível gerar um impacto positivo na construção de sua autoestima e de sua identidade, contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

De todo o modo, é indispensável que haja a formação de parcerias entre escolas e famílias, pois isso poderá ampliar as chances de uma implementação de sucesso das práticas inclusivas. Com a colaboração entre a figura do professor e dos familiares, há uma maior chance de atender e identificar as necessidades específicas apresentadas, individualmente, por cada aluno, o que promove uma abordagem personalizada e eficaz.

Segundo Bonfim e Rossato (2023), o papel da família na formação da subjetividade dos alunos da educação especial possui um caráter insubstituível para que as práticas educativas sejam cada vez mais inclusivas e eficazes. O envolvimento familiar ativo, bem como o apoio emocional apresentado, garantem um ambiente de maior aprendizagem, com traços de acolhimento e adaptação às necessidades individuais apresentadas pelos alunos. Sendo assim, torna-se fundamental a integração de estratégias capazes de promover a participação da família, reconhecendo a sua importância no desenvolvimento, como um todo, do aluno dentro de aspectos emocionais, intelectuais e de autoestima, especialmente porque o núcleo familiar possui mais acesso a detalhes da vida do aluno e pode ajudar a atender às necessidades individuais de forma mais personalizada.

Noutras palavras, a parceria entre escola e família é essencial para o sucesso do processo educativo, pois permite uma comunicação contínua e efetiva, facilitando a identificação de barreiras e a implementação de soluções adaptadas às particularidades de cada aluno. Essa colaboração também promove uma melhor compreensão das limitações e potencialidades dos alunos, ajudando a estabelecer expectativas realistas e a desenvolver planos educacionais individualizados. Além disso, o apoio emocional proporcionado pela família contribui significativamente para o bem-estar dos alunos, criando um ambiente mais seguro e encorajador, onde eles se sentem valorizados e compreendidos. Portanto, é necessário que as escolas desenvolvam políticas e práticas que incentivem a participação ativa da família na educação especial, reconhecendo o seu papel vital na construção da subjetividade dos alunos e na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados obtidos revela a complexidade e a importância da educação especial na promoção da inclusão social e educacional dos alunos com necessidades especiais. Esta seção discute os principais pontos emergentes do estudo, à luz da literatura existente e das práticas atuais. Primeiramente, observou-se uma variação significativa nas abordagens de educação especial, refletindo oscilações entre modelos médicos e sociais ao longo do tempo. A tendência atual é reconhecer e valorizar a subjetividade dos alunos, o que implica entender cada estudante como um indivíduo único, com capacidades e experiências distintas. Este reconhecimento é basilar para que a educação seja inclusiva, garantindo que o ambiente educacional seja adaptado para facilitar a aprendizagem e a interação social dos alunos com necessidades específicas.

A subjetividade, conforme destacam Bonfim e Rossato (2023), é central para a compreensão de como os indivíduos interpretam e reagem às suas experiências. Esse conceito vai além de aspectos puramente cognitivos, abrangendo também emoções, contextos sociais e culturais. Isso sugere que a educação especial deve ser mais do que a simples adaptação de materiais pedagógicos; ela precisa incluir estratégias pedagógicas que considerem as experiências subjetivas dos alunos. Brandão e Gonçalves (2021) corroboram essa visão, destacando que a instrumentalização e a adaptação devem ser complementadas por um planejamento pedagógico que valorize a troca de conhecimentos e experiências.

A análise da subjetividade revela a importância de reconhecer as experiências e perspectivas únicas de cada aluno, destacando a necessidade de abordagens pedagógicas que sejam sensíveis às necessidades individuais e contextos específicos. A revisão sistemática da literatura mostra que a subjetividade não é apenas uma característica individual, mas também um processo socialmente construído, que se desenvolve em interação com o ambiente escolar e as relações interpessoais. Esta compreensão é fundamental para o desenvolvimento de práticas educacionais que promovam a inclusão e o reconhecimento das diversidades. As implicações pedagógicas da subjetividade na educação especial incluem a necessidade de criar ambientes de aprendizagem que valorizem as vozes e experiências dos alunos, promovam a empatia e a compreensão mútua, e adaptem os métodos de ensino às necessidades específicas de cada aluno. Além disso, o reconhecimento da subjetividade dos educadores também é vital, pois suas percepções e atitudes influenciam diretamente o ambiente de aprendizagem e a forma como os alunos se percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Observa-se que a incorporação da subjetividade na educação especial é essencial para criar uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa, que respeite e celebre as diferenças individuais

enquanto promove um desenvolvimento humano integral (Bonfim; Rossato, 2023).

O estudo também sublinha a importância de identificar e responder à subjetividade dos alunos para desenvolver práticas pedagógicas eficazes. De acordo com Brandão e Gonçalves (2021), a personalização do ensino, baseada nas necessidades e experiências individuais dos alunos, pode aumentar o engajamento e a significação do aprendizado. A diversidade de experiências dos alunos, influenciada por suas interações sociais e culturais, exige uma abordagem educacional que respeite e valorize essas diferenças.

O papel do professor é destacado como fundamental na mediação dessas experiências. Lima e Mautone (2024) enfatizam que o professor deve ser um facilitador do processo dialógico de educação, promovendo a interação social e cultural dos alunos. A formação contínua dos docentes, com ênfase em habilidades socioemocionais e compreensão das experiências individuais, é vital para o sucesso das práticas inclusivas.

Programas de capacitação que abordam essas áreas têm mostrado resultados positivos na adaptação dos alunos. Além disso, a colaboração entre a escola e a família emerge como um fator decisivo para o sucesso da educação inclusiva. A participação ativa da família no processo educativo pode fornecer um suporte emocional essencial para os alunos, ajudando a construir sua autoestima e identidade.

Segundo Bonfim e Rossato (2023), a família desempenha um papel insubstituível no desenvolvimento da subjetividade dos alunos, especialmente no contexto da educação especial. A comunicação contínua e eficaz entre a escola e a família é relevante para identificar barreiras e implementar soluções adaptadas às necessidades individuais dos alunos. Em síntese, a discussão dos resultados aponta para a necessidade de uma abordagem educacional que não apenas reconheça, mas ativamente valorize a subjetividade dos estudantes. Isso requer um compromisso com a formação contínua de professores, a personalização do ensino e a colaboração entre escola e família. Somente assim será possível promover uma educação verdadeiramente inclusiva, que respeite e valorize a diversidade de experiências e capacidades dos alunos com necessidades especiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade é fundamental para compreender como os indivíduos interpretam e reagem às suas experiências. A inclusão escolar deve reconhecer a diversidade de experiências subjetivas dos estudantes com necessidades especiais, promovendo um ambiente educacional

verdadeiramente inclusivo. A interseccionalidade é um aspecto crucial neste contexto, pois considera como fatores como raça, gênero e classe social interagem com a deficiência, influenciando a experiência educacional de maneira complexa.

Professores bem preparados, que adotam práticas pedagógicas inclusivas, desempenham um papel essencial no desenvolvimento da autoestima e da identidade dos alunos. A personalização do ensino, ajustando-se às necessidades e experiências individuais dos alunos, pode aumentar significativamente o engajamento e a relevância do aprendizado. A participação ativa da família no processo educativo é igualmente vital, pois contribui para a construção da autoestima e identidade dos alunos e facilita a implementação de práticas inclusivas.

A formação contínua dos docentes é imprescindível para o sucesso das práticas inclusivas, com foco em habilidades socioemocionais e na compreensão das experiências individuais dos alunos. A subjetividade, portanto, é essencial para uma educação inclusiva e equitativa, que respeite e celebre as diferenças individuais, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos.

Sugere-se que estudos futuros abordem uma gama mais ampla de contextos educacionais inclusivos, incluindo diferentes níveis de ensino e realidades socioculturais. Além disso, é crucial que futuras pesquisas explorem as necessidades de formação continuada dos professores, bem como o papel específico da subjetividade na promoção da inclusão educacional. Estudos longitudinais e intervenções baseadas em evidências são necessários para avaliar a subjetividade e informar políticas e práticas educacionais mais eficazes e inclusivas.

REFERÊNCIAS

BONFIM, Francisca; ROSSATO, Maristela. A expressão da subjetividade na atuação em psicologia escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e246666, 2023.

BRANDÃO, Viviane Bernadeth Gandra; GONÇALVES, Esther Tamires Fonseca; FREITAS, Sarah Emily Moura. Os sentidos e significados da educação de jovens e adultos a partir da subjetividade dos alunos. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 24, p. 19 páginas-19 páginas, 2021.

ESCOBAR, Cristiane Tonetto et al. Enriquecendo o aprendizado na educação infantil e fundamental: o papel dos recursos multimídia. **Revista Ilustração**, v. 4, n. 6, p. 183-191, 2023.

Explorando a subjetividade na Educação Especial: uma revisão sistemática da literatura e suas implicações pedagógicas

LIMA, André Luís de Souza; MAUTONE, Guilherme. Educação, subjetividade e discurso científico sobre deficiência: uma saída interseccional. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 24, p. e-1982-4017-24-21, 2024.

WOTTRICH, Joice. **A subjetividade estética do ponto de vista de Platão. Disponível em:** < <https://drajoisewottrich.com.br/blog/85> >. Acesso em 02 de fev de 2025.

Submetido em: 02 de abr de 2025.

Aprovado em: 27 de jun de 2025.

Publicado em: 30 de ago de 2025.